

Professores Negros Importam! Pedagogias antirracistas e representações de negritude no seriado *Bel-Air* (2022)¹

***Black Teachers Matter! Antiracist Pedagogies and Representations of Blackness in the Series
Bel-Air (2022)***

**¡Los Profesores Negros Importan! Pedagogías antirracistas y representaciones de la
negritud en la serie *Bel-Air* (2022)**

**Marlon Alexsander Barbosa da Silva Anezi²
Gisele Massola³**

Resumo

O racismo e o racismo estrutural se configuram como fenômenos históricos e sociais que se manifestam de diferentes formas e em diversos contextos sociais. Neste artigo, recorte de uma investigação de mestrado, em andamento, inserida no campo da Educação, com vieses pós-estruturalistas cuja ênfase recai sob a perspectiva teórica dos Estudos Culturais em Educação, interessa-nos compreender modos de compor pedagogias antirracistas e representações de negritude. Para tanto, considerou-se como material empírico o episódio número três, intitulado *Comprometido*, da segunda temporada do remake *Bel-Air* (2022) veiculado na plataforma de *streaming Star Plus*. Autores como: Munanga (2004), Fischer (2002), Kellner (2001), Wortmann (2001) e Hall (1997) são centrais para as argumentações. A metodologia valeu-se da etnografia de tela considerando que uma análise cultural deve relacionar a análise semiótica do texto com os significados históricos e socialmente situados que emergem de estudos etnográficos. Foram considerados um total de quinze diários de campo com capturas de cenas para compor o material empírico. Os resultados apontam que o ambiente escolar pode ser um espaço de resistência, onde alunos e professores se unem para desafiar e, eventualmente, tentar transformar as políticas e práticas que perpetuam a exclusão racial.

Palavras-Chave: Estudos Culturais; pedagogias antirracistas; representação; *Bel-Air*.

Resumen

El racismo y el racismo estructural son fenómenos históricos y sociales que se manifiestan de diferentes maneras y en diferentes contextos sociales. En este artículo, extracto de una investigación de maestría en curso, insertada en el campo de la Educación, con sesgos postestructuralistas cuyo énfasis recae en la perspectiva teórica de los Estudios Culturales en Educación, nos interesa comprender formas de componer pedagogías antirracistas y representaciones de la negritud. Para ello, se consideró como material empírico el episodio número tres, titulado *Compromised*, de la segunda temporada del remake *Bel-Air* (2022) emitido por la plataforma de *streaming Star Plus*. Autores como: Munanga (2004), Fischer (2002), Kellner (2001), Wortmann (2001) y Hall (1997) son centrales en los argumentos. La metodología utilizada es la etnografía de pantalla considerando que un análisis cultural debe relacionar el análisis semiótico del texto con los significados históricos y socialmente situados que emergen de los estudios etnográficos. Se consideró un total de quince diarios de campo con capturas de escenas para componer el material empírico. Los resultados indican que el entorno escolar puede ser un espacio de resistencia, donde estudiantes y profesores se unen para desafiar y, eventualmente, intentar transformar políticas y prácticas que perpetúan la exclusión racial.

¹ Artigo apresentado no X Encontro Humanístico Multidisciplinar – EHM e IX Congresso Latino-Americano de Estudos Humanísticos Multidisciplinares, na modalidade *online*, 2024.

² Mestrando em Educação (PPGEDU/ULBRA); Canoas, RS, Brasil; E-mail: marlonalexander2015@gmail.com

³ Doutora em Educação com ênfase nos Estudos Culturais (UFRGS); Professora Visitante do MPIE/IFRS; Porto Alegre, RS e Brasil; E-mail: gisele.massola@poa.ifrs.edu.br

Palabras-clave: Estudios Culturales; pedagogías antirracistas; representación; *Bel-Air*.

Abstract

Racism and structural racism are historical and social phenomena that manifest themselves in different ways and in different social contexts. In this article, an excerpt from an ongoing master's degree investigation, inserted in the field of Education, with post-structuralist biases whose emphasis falls on the theoretical perspective of Cultural Studies in Education, we are interested in understanding ways of composing anti-racist pedagogies and representations of blackness. To this end, episode number three, entitled Compromised, from the second season of the remake *Bel-Air* (2022) aired on the streaming platform Star Plus, was considered as empirical material. Authors such as: Munanga (2004), Fischer (2002), Kellner (2001), Wortmann (2001) and Hall (1997) are central to the arguments. The methodology used screen ethnography considering that a cultural analysis must relate the semiotic analysis of the text with the historical and socially situated meanings that emerge from ethnographic studies. A total of fifteen field diaries with scene captures were considered to compose the empirical material. The results indicate that the school environment can be a space of resistance, where students and teachers come together to challenge and, eventually, try to transform policies and practices that perpetuate racial exclusion.

Keywords: Cultural Studies; anti-racist pedagogies; representation; *Bel-Air*.

1. Primeiras cenas...

“A violência racista pode submeter o sujeito negro a uma situação cuja desumanidade nos desarma e deixa perplexos. Seria difícil encontrar o adjetivo adequado para nomear esta odiosa forma de opressão” (Costa, 1984, p. 16).

A epígrafe de abertura deste texto, em certa medida, nos convoca a refletir sobre a violência contida nas práticas racistas e suas formas de opressão. O racismo e o racismo estrutural se configuram como fenômenos históricos e sociais que se manifestam de diferentes formas e em diversos contextos sociais. Frantz Fanon descreve o racismo como algo inerentemente cultural, afirmando que “se a cultura é o conjunto dos comportamentos motores e mentais nascidos do encontro do homem com a natureza e com o seu semelhante, devemos dizer que o racismo é sem sombra de dúvida um elemento cultural” (1969, p. 36). O racismo está profundamente inserido nas interações humanas e na forma como a sociedade organiza seus valores e comportamentos. O racismo, portanto, não se limita a preconceitos individuais, mas se constitui em uma construção cultural e social que legitima e perpetua a desigualdade.

Para Munanga (2004, p. 6) o racismo permanece enraizado em ideologias sociais. Ao autor destaca que “no imaginário e na representação coletivos de diversas populações contemporâneas existem ainda raças fictícias e outras construídas a partir das diferenças fenotípicas como a cor da pele e outros critérios morfológicos”. Essas “raças sociais” sustentam as formas mais visíveis e populares de racismo, criando hierarquias sociais baseadas em

características superficiais. Assim, o racismo é mantido por meio de estereótipos, preconceitos e discriminações que afetam as relações entre diferentes grupos étnicos e raciais.

Cabe anunciar de antemão que a temática do racismo nos interessa bem como entrelaçamentos que colocam em pauta o protagonismo negro, o racismo e as produções na mídia. Fazendo uma rápida incursão, identificamos ao menos três séries de grande repercussão e bastante embleáticas nos canais abertos televisivos, no Brasil, do final da década de 90 ainda com grande público fiel, versando sobre o protagonismo negro de grande sucesso das chamadas *sitcom* sendo elas: *Eu, a Patroa e as Crianças* (2001-2005) dos diretores Kim Wayans; Damon Wayans, Jr. Damon Wayans; Damien Dante Wayans; *Todo Mundo Odeia o Chris* (2005-2009) dos criadores Chris Rock, Ali LeRoi e ainda *Um Maluco no Pedaco* (1990-1996) de autoria de Andy Borowitz; Susan Borowitz. São definidas de *sitcoms*, termo que vem do inglês e significa *situation comedy*, ou comédia de situação, em tradução literal. Essa expressão diz respeito a produções que se valem de fatos que acontecem no dia a dia para fazer piada. Além disso, de modo geral abordam narrativas sobre o dia a dia, as relações interpessoais de amizade, de família e amorosas, assim como sobre a rotina e trabalho. Apresentam pelo menos cinco componentes característicos: *narrativas* focadas em situações cotidianas; *episódios curtos* com uma média de trinta minutos de duração; *cenários fixos* em geral ambientes domésticos; *enredo previsível* com uma estrutura delimitada, em que os problemas são apresentados e resolvidos rapidamente e ainda *formatos técnicos* podem ser gravados em dois tipos: *single cam*, similar à produção cinematográfica, ou *multi cam*, filmada em estúdio, diante da plateia e ao vivo.

Tomando como ponto de partida as discussões sobre racismo veiculada em produções midiáticas, neste texto, recorte de uma investigação de mestrado, em andamento, no campo da Educação com vieses pós-estruturalistas cuja ênfase recai sob a perspectiva teórica dos Estudos Culturais em Educação, interessa-nos compreender modos de compor pedagogias antirracistas e representações de negritude. Para tanto, considerou-se como material empírico o episódio número três, intitulado *Comprometido*, da segunda temporada do *remake* estadunidense *Bel-Air* veiculado na plataforma de *streaming Star Plus*⁴. Justificamos tal seleção a partir dos apontamentos de Fischer (2002), em seus estudos entrelaçando mídia, cultura e educação, ao

⁴ A série foi primeiramente disponibilizada na plataforma de *streaming Peacock*, exclusiva dos Estados Unidos, e pouco tempo depois, em Abril de 2022, estreou no Brasil através da plataforma de *streaming StarPlus*. Em Julho de 2024, o seriado também foi disponibilizado na plataforma de *streaming Globoplay*.

argumentar que a televisão é uma peça essencial e fundamental nos complexos processos de transmissão e criação de significados, os quais estão, por sua vez, ligados a diferentes formas de ser, pensar, conhecer o mundo e se relacionar com a vida (p. 154). As histórias e experiências de vida negras que de alguma forma se encontram presentes no seriado *Bel-Air*, se enquadram dentro do conceito de mídia que se faz pedagógica de Fischer, há uma intenção pedagógica e uma mensagem que quer se fazer ecoar, independentemente do formato escolhido, drama ou comédia, a experiência subjetiva do negro quer se tornar conhecida, ouvida e talvez o mais importante, ressignificada.

Para dar conta da argumentação a que nos propomos serão realizados alguns movimentos na organização da escrita. Inicia-se com a contextualização do remake do seriado *Bel-Air* e suas nuances. Logo após mostra-se um movimento de trazer aproximações teóricas versando sobre Estudos Culturais, representação e pedagogias culturais na direção de pautar manifestações de práticas antirracistas no contexto escolar da série contribuindo para o debate sobre educação e representações raciais na mídia. A seguir, são abordadas concepções da ferramenta metodológica ancorada na etnografia de tela utilizada para observar sistematicamente os elementos narrativos e estéticos. Na sequência nos debruçamos no episódio selecionando para composição de análises dando relevo há ensinamentos de práticas antirracistas. Por fim, destacamos alguns alinhavos finais com apontamentos que conformam uma conclusão.

2. Contextualizando o remake do seriado *Bel-Air* e suas nuances

A série *Bel-Air*, – um remake do seriado original em inglês *The Fresh Prince of Bel Air*, cuja tradução no Brasil ficou conhecida como *Um maluco no pedaço* – teve sua estreia em 13 de fevereiro de 2022 nos Estados Unidos. Produzida por Will Smith, Morgan Cooper, Quincy Jones e Benny Medina, a recriação da clássica produção dos anos 90, apresenta agora uma abordagem do gênero drama em detrimento de sua versão original do gênero comédia. Além disso, as vivências e conflitos dos personagens passam a ser repaginados em maior consonância com o contexto atual em suas complexidades.

Gemzøe (2020, p. 108) utiliza o termo *remake* “para descrever uma nova versão de propriedade intelectual dentro de uma mesma mídia, isto é, quando se realiza uma nova série de televisão baseada em uma antiga”. No entanto, cabe referir que as versões remakes não se

constituem enquanto uma novidade da indústria do entretenimento. Para Hildenbrand e Farias (2015, p. 196) os remakes de filmes têm suas origens quase simultaneamente ao surgimento do próprio cinema, uma vez que as primeiras produções cinematográficas eram frequentemente adaptações de obras literárias. Com o tempo, os remakes passaram a ser vistos também como releituras de filmes anteriores. No entanto, foi somente a partir da década de 1970 que os remakes começaram a ser reconhecidos como um fenômeno cultural, e esse reconhecimento se consolidou no final dos anos 1990, quando houve um aumento significativo na produção desse tipo de filme, resultando na relevância que observamos atualmente.

Os *remakes* também servem como uma maneira de atualizar obras que já foram bem-sucedidas e torná-las relevantes para uma nova geração ressignificando-as. Kellner (2001), nos dirá que “a cultura da mídia almeja grande audiência; por isso, deve ser eco de assuntos e preocupações atuais, sendo extremamente tópica e apresentando dados hieróglifos da vida social contemporânea” (p. 9). Assumindo essa nova contextualização o enredo do remake *Bel-Air* bem como sua versão original, trata da história do personagem de Will Smith que se muda da Philadelphia para a casa dos tios em *Bel-Air*. Vale destacar que a nova versão, procura aprofundar e atualizar para cenários sociais, políticos e culturais, os principais tensionamentos levantados pelo seriado em sua versão original e que ainda hoje tornam-se relevantes, porém assumindo e aprofundando outras configurações. A maior diferença entre ambas versões é que a mais atual tem a intenção de substituir o estilo comédia de situação (sitcom)⁵ pelo drama. A escolha pela mudança de gênero para drama também denota uma certa preocupação, em ser assertivo em relação a um público jovem, mais sério e sensível que certamente, deixaria de assistir ao seriado ao se deparar com piadas gordofóbicas com conotações pejorativas, estereotipadas e preconceituosas.

O ponto de reflexão que se faz aqui diz respeito a problematizar o que tal alteração implicaria? Quais as estratégias representacionais que passam a ser acionadas quando o gênero muda de comédia para drama? Os personagens parecem ganhar mais profundidade e sensibilidade. Situações e tensionamentos que antes eram transformados em humor, agora ganham peso e tensão, abarcando conflitos, posicionamentos políticos, disputas, etc. E claro, se na comédia já se falava em racismo, com a mudança de gênero a temática do racismo ganha um

⁵ Um tipo de comédia constituída por episódios independentes que giram em torno de um conjunto fixo de personagens e cenários, fazendo humor a partir de situações cotidianas.

outro peso, aciona e coloca em pauta sob outras perspectivas alinhadas a uma conotação com bastante seriedade. Há de se considerar ainda a constante presença das redes sociais na vida cotidiana, os *influencers* digitais enquanto possibilidade profissional, a procura por uma maior consciência racial, a preocupação com a saúde mental e com o excesso de trabalho, são apenas algumas temáticas que o seriado busca contemplar e que estão em voga na atualidade.

A representação da negritude na mídia, especialmente em séries de alcance mundial como *Bel-Air*, desempenha um papel crucial na formação de percepções e identidades culturais. Através de questões étnico-raciais são abordadas no formato de comédia de situação (sitcom), conforme já referido anteriormente, um tipo de comédia constituída por episódios independentes que giram em torno de um conjunto fixo de personagens e cenários, fazendo humor a partir de situações cotidianas. Com o remake *Bel-Air*, essas questões amadurecem e se tornam mais evidentes, oferecendo uma abordagem mais séria e profunda das dinâmicas raciais e sociais. Dada a capacidade da mídia de moldar a opinião pública e construir estereótipos, a análise de como a negritude é representada neste seriado é de grande importância para entender o impacto cultural e social dessas narrativas.

Segundo Kellner (2001), a cultura americana tem invadido outras culturas globais, criando novas formas de cultura popular que se espalham pelo mundo. Isso torna o estudo da mídia estadunidense relevante para qualquer cultura, incluindo a brasileira, que tem sido significativamente influenciada por essas produções. Ao propor a análise cultural de *Bel-Air*, um seriado estadunidense, alinhamo-nos à perspectiva de Kellner, reconhecendo a enorme influência que a cultura americana exerce na sociedade contemporânea de um modo geral, inclusive a brasileira. Uma série como *Bel-Air* participa da formação cultural do Brasil, operando como uma pedagogia cultural. Cabe referir que a noção de pedagogia cultural possibilita considerar como educativos distintos espaços e instâncias da mídia tal como: imprensa, programas de televisão, filmes, desenhos animados, museus, publicidade... Educativos porque nos ensinam determinadas formas de ser, de se ver, de pensar e agir sobre as coisas e sobre os outros (Fischer, 2002). No contexto aqui analisado, de uma forma um tanto sutil, mas poderosa. Para Kellner (2001, p. 10), os meios de informação e entretenimento se tornam fontes profundas e muitas vezes despercebidas de aprendizagem cultural.

3. Ancoragens teóricas: Estudos Culturais, representação e pedagogias culturais

Os Estudos Culturais tem seu surgimento nos anos 1960, um período marcado pela chamada “virada cultural”. Essa transformação foi impulsionada por teóricos como Lévi-Strauss e Roland Barthes na França, e Raymond Williams e Richard Hoggart no Reino Unido. A fundação do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos na Universidade de Birmingham, em 1964, consolidou este novo campo interdisciplinar, com a cultura como conceito central (Hall, 1997, p. 31). Desde então, os Estudos Culturais têm experimentado uma expansão significativa, atraindo um número crescente de estudantes tanto no Reino Unido quanto internacionalmente, conforme evidenciado por pesquisas como as de Grossberg et al. (1992), Chen (1996) e Ang e Stratton (1996). Além disso, elementos dos Estudos Culturais foram incorporados por disciplinas mais tradicionais, influenciando e modificando as práticas acadêmicas dominantes (Hall, 1997, p. 31).

Costa, Silveira e Sommer (2003) destacam que os Estudos Culturais surgiram em um contexto de mobilização de grupos sociais que buscavam se apropriar de ferramentas conceituais e saberes emergentes a partir de suas próprias leituras do mundo. Esses grupos rejeitavam as barreiras históricas que se opunham à criação de uma cultura baseada em oportunidades democráticas e na educação de livre acesso, onde os saberes e interesses das pessoas comuns fossem valorizados (p. 37). Assim, os Estudos Culturais emergiram como uma convergência seletiva de várias linhas teóricas e analíticas das ciências humanas e sociais. Nas humanidades, incorporaram tradições de análise textual, crítica literária, história da arte, estudos de gênero, história social, linguística e teorias da linguagem. Nas ciências sociais, buscaram inspiração na sociologia interacionista e culturalista, estudos dos desvios, antropologia, teoria crítica, semiótica francesa, pós-estruturalismo, a Escola de Frankfurt, feminismo, psicanálise, estudos de cinema, mídia e comunicações, e estudos da cultura popular.

Um aspecto central para o desenvolvimento dos Estudos Culturais foi a incorporação de formas não-reducionistas do marxismo, particularmente as ideias de Antonio Gramsci e a escola estruturalista francesa liderada por Althusser, que trouxeram ao campo questões de poder, ideologia e hegemonia cultural (Hall, 1997, p. 31).

O conceito de representação, fundamental nos Estudos Culturais, é parte do circuito da cultura de Hall (2016). De acordo com Wortmann (2001, p. 156) “nos Estudos Culturais a representação é uma das práticas centrais na produção da cultura e um “momento” chave no

chamado “circuito da cultura”, no qual os significados são produzidos, e circulam, através de diversos processos e práticas.” Além disso, o conceito pode ser compreendido como um dos pilares centrais para entender como os significados são produzidos, negociados e circulam no âmbito da cultura. De acordo com Hall (2016, p. 31) “a representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura”.

Nem todas as ciências, porém, compreendem representação da mesma forma. Silva (2014, p. 90) faz esta diferenciação ao conceber que historicamente, a ideia de representação está ligada à tentativa de capturar o “real” e torná-lo presente, seja por meio de sistemas externos de signos, como a pintura e a linguagem, ou por representações internas na consciência. Na filosofia clássica, essa busca era orientada pelo desejo de uma correspondência fiel entre a representação e o objeto representado, o que pressupunha uma estabilidade inerente aos sistemas de significação. No entanto, com o advento do pós-estruturalismo e da filosofia da diferença, houve uma ruptura com essa visão clássica. Ao questionar a natureza fixa e transparente da linguagem, o pós-estruturalismo propôs uma concepção de representação como algo instável, arbitrário e profundamente ligado às relações de poder. Sob esta perspectiva, a representação não é mais vista como um reflexo do real, mas como um processo ativo de atribuição de sentido, onde os significados são sempre negociados e sujeitos a mudança conforme o contexto histórico e cultural.

Hall (2016, p. 21) amplia essa discussão ao afirmar que: nós concedemos sentido às coisas pela maneira como as representamos – as palavras que usamos para nos referir a elas, as histórias que narramos a seu respeito, as imagens que delas criamos, as emoções que associamos a elas, as maneiras como as classificamos e conceituamos, enfim, os valores que nelas embutimos. Portanto, a representação não é apenas um reflexo passivo do mundo, mas um ato de criação de sentido através da linguagem e de outros sistemas de signos. No campo dos Estudos Culturais, a representação também desempenha um papel crucial na formação e contestação das identidades culturais. A representação racial, por exemplo, é um terreno de intensos conflitos e negociações. Hall (1997, p. 9) argumenta que o significado não é direto nem transparente, sendo constantemente moldado pelo contexto e pelas circunstâncias históricas. Esta definição se torna particularmente evidente na forma como as imagens de grupos raciais são produzidas e disseminadas na cultura popular.

Uma das estratégias utilizadas para desafiar as representações raciais dominantes é a substituição de imagens “negativas” por “positivas”. Essa abordagem busca corrigir o desequilíbrio nas representações, celebrando a diferença e tentando reverter os estereótipos depreciativos com imagens que promovam uma identificação positiva. Hall (2016, p. 216) discute essa estratégia, observando que, apesar de ampliar a diversidade de representações, ela nem sempre consegue deslocar completamente os binários que estruturam o regime de representação racializado. A inclusão de imagens positivas pode coexistir com representações negativas, que continuam a influenciar o significado de “ser negro” na cultura popular.

Sob esta perspectiva, a representação é concebida como um campo de disputa onde os significados são constantemente produzidos, contestados e renegociados. Como ressalta Silva (1999, p. 41), a representação “não é nunca fixa, estável, determinada”. Ela está em contínuo movimento, refletindo as complexidades e contradições das relações de poder e as dinâmicas culturais.

O conceito de pedagogias culturais por sua vez emerge de uma compreensão ampliada da pedagogia, que ultrapassa os limites das instituições educativas formais para abarcar uma diversidade de espaços e práticas culturais. De acordo com Silva (2016, p. 139), “tal como a educação, outras instâncias culturais também são pedagógicas, também têm uma “pedagogia”, também ensinam alguma coisa”. Esse entendimento reflete a ideia de que a pedagogia não está restrita ao ambiente escolar, mas se estende a outros locais sociais, como bibliotecas, meios de comunicação, filmes, e até mesmo brinquedos e videogames, que também são arenas onde o poder é exercido e organizado (Steinberg, 1997, p. 101-102).

Giroux (1999, p. 98) descreve a pedagogia como “uma tecnologia do poder, da linguagem e da prática que produz e legitima formas de regulamentação moral e política”. Essa visão ressalta o papel da pedagogia cultural na construção de identidades e subjetividades, funcionando como um mecanismo de regulação social que legitima determinadas visões de mundo e modos de ser. Como tal, as pedagogias culturais participam ativamente na formação de crenças, valores e comportamentos, muitas vezes de maneira implícita ou naturalizada.

A mídia, em especial, desempenha um papel crucial nesse processo. Conforme Kellner (2001) “numa cultura contemporânea dominada pela mídia, os meios dominantes de informação e entretenimento são uma fonte profunda e muitas vezes não percebida de pedagogia cultural” (p. 10). Através de seus produtos, como filmes, séries, propagandas e

noticiários, a mídia veicula mensagens que influenciam a percepção das pessoas sobre uma ampla gama de temas, incluindo identidade, moralidade, gênero e raça (Costa, Silveira & Sommer, 2003, p. 56).

Nesse contexto, as pedagogias antirracistas e decoloniais emergem como respostas críticas às pedagogias culturais hegemônicas, que frequentemente perpetuam desigualdades e discriminações. A pedagogia crítica, conforme Saballa (2012, p. 12), “é antirracista, antissexista, anti-homofóbica, contrária a discriminações que desprestigiam, enfraquecem grupos e pessoas cujo modo de ser e viver não correspondem a um ideal humano”. Assim, essa pedagogia visa desconstruir as narrativas dominantes que marginalizam determinados grupos sociais e busca promover uma educação que considera grupos minoritários.

A pedagogia decolonial, por sua vez, vai além da crítica, propondo a criação de novas condições sociais, políticas e culturais. Segundo Candau e Oliveira (2010), “a pedagogia decolonial é uma práxis baseada numa insurgência educativa propositiva”(p. 27), que busca não apenas denunciar as injustiças, mas também construir alternativas que valorizem a diversidade cultural e rompam com a colonialidade do poder. Essa abordagem tem por objetivo reconfigurar o currículo e as práticas pedagógicas para incluir as vozes e as experiências dos grupos historicamente marginalizados, rompendo com o etnocentrismo que tem dominado a educação tradicional (Rocha, 2009, p. 19). As pedagogias culturais, especialmente em suas vertentes antirracistas e decoloniais, se constituem como ferramentas que desafiam as narrativas dominantes e promovem uma reflexão crítica sobre os processos de formação da identidade e da subjetividade.

4. Etnografia de tela: uma ferramenta metodológica útil para análise de produções filmicas

Para compor as análises do material selecionado, a partir de recortes de cenas da produção *Bel-Air*, a metodologia adotada será a etnografia de tela, uma abordagem que integra princípios da etnografia tradicional com métodos de análise textual e visual, próprios do estudo de mídias audiovisuais. Conforme Balestrin e Soares (2014, p. 89), o termo “etnografia de tela” surge dos estudos de tela, os quais, desde os anos 1980, referem-se ao estudo etnográfico dos artefatos da mídia. Essa metodologia é particularmente adequada para examinar produções midiáticas, como séries de TV, ao considerar tanto os elementos visuais quanto os sonoros em suas análises. Um dos recursos fundamentais dessa abordagem é a descrição detalhada das

cenar, que é realizada através de anotações em um formato que remete aos cadernos de campo, conforme descrito por Balestrin e Soares.

A escolha da etnografia de tela para este estudo se fundamenta na potencialidade desta metodologia para observar as relações de poder presentes nos textos midiáticos, conforme apontado por Paraíso (2012). A autora ressalta que as pesquisas precisam considerar as dinâmicas de poder que permeiam artefatos culturais, como séries de TV, que carregam significados ligados à classe, gênero, raça, e outras categorias sociais (p. 32). A metodologia também dialoga com as contribuições teóricas de Fiske (1989), que propõe que uma análise cultural deve relacionar a análise semiótica do texto com os significados históricos e socialmente situados que emergem de estudos etnográficos (p. 98). Além disso, Kellner (2001, p. 64) destaca que a produção da mídia está intimamente imbricada em relações de poder e pode tanto reproduzir os interesses de forças sociais dominantes quanto servir como ferramenta para resistência e mudança. Este aspecto será central na análise de *Bel-Air*, pois a série, ao reimaginar o clássico *The Fresh Prince of Bel Air* sob uma nova perspectiva, tem o potencial de desafiar ou reforçar normas culturais e sociais.

A etnografia de tela, como abordagem metodológica, permite uma imersão prolongada do pesquisador no universo da série, possibilitando uma observação sistemática dos elementos narrativos e estéticos que compõem a produção. McGuigan (1997, p. 2) afirma que os métodos de pesquisa devem servir aos objetivos da pesquisa e não o contrário, assegurando que as particularidades da série sejam exploradas em profundidade, proporcionando uma compreensão abrangente de suas implicações culturais.

Com isso, considerou-se como parte da metodologia, a reprodução de várias vezes do episódio compondo uma rigorosa revisão filmográfica, conforme sugerido por Marcello e Fischer (2011, p. 514), para entender o contexto histórico e temático no qual *Bel-Air* se insere. A partir da exibição sistemática repetidas vezes, almejou a compreensão dos conceitos representados nas imagens capturadas da série, indo além de uma simples e superficial interpretação, buscando visualizar os conceitos em suas distorções e nuances, conforme proposto por Marcello e Fischer (2011). Esse processo resultou na composição de quinze diários de campo com maior potencial analítico fomentando reflexões que considerou tanto os aspectos estéticos, quanto os sociais e políticos contidos no seriado *Bel-Air*.

Partindo dessa organização metodológica, os diários de campo foram compostos a partir de uma estruturação que envolveu a tabulação das informações em um quadro dividido nos seguintes tópicos: a) título da cena e tempo; b) descrição; c) diálogos; d) sentidos; e) representações. Nessa estrutura, o item título da cena e tempo constitui-se no nome pelo qual se denomina determinada cena a fim de identificá-la e organizá-la, assim como o tempo exato em que a cena se passa, destacando seu início e fim. A descrição da cena é justamente o que é visível na tela, a descrição detalhada do que é perceptível ao olho. Em diálogos transcreve-se o que é ouvido em cena, mesmo que visivelmente a origem do respectivo som não se apresente. Sentidos é o espaço onde se descreve elementos que não estão plenamente em destaque na cena, que possam passar despercebidos ao olhar ou que fiquem subentendidos na tela. Por fim, em representações, encontra-se o espaço para a percepção dos pesquisadores quanto ao que está representado na determinada cena, é um espaço, e momento, para elaboração de ideias sobre os significados presentes.

5. O que o *Bel-Air* nos ensina sobre práticas antirracistas?

Pode-se afirmar que dos marcadores da segunda temporada do remake versa sobre pautas antirracistas abarcando o âmbito escolar, a equipe diretiva, os professores e os estudantes da academia *Bel-Air*. Nos primeiros episódios da temporada, um dos mote centrais direciona para a demissão de uma professora negra, da área de literatura (Hughes). O fato, que teria servido de estopim para tal desfecho, seria o empréstimo de obras não previstas no currículo escolar abordando temáticas de feminismo e identidade negra para uma das estudantes (Ashley). Ao tomar conhecimento dos motivos da demissão, os estudantes passam a organizar protestos em favor da professora. Os desdobramentos da manifestação liderada pelos estudantes marcam o terceiro episódio da temporada, ao qual passamos a problematizar aqui.

A sequência dos fatos (Figura 1) coloca em evidência os momentos tensos de embates e conflitos entre os estudantes e a equipe diretiva da escola, na tentativa de silenciamento das manifestações de protestos e reivindicações, no qual o destaque da fala expressa: “estamos lutando contra um sistema”. A luta contra o sistema referida neste contexto, de certo modo, implica em considerar que não se pretende que as questões raciais sejam abordadas somente quando existirem situações envolvendo professores ou estudantes negros, mas, sim, que se constituam em princípios, conhecimentos, atitudes e valores para todos, independentemente da cor/raça, forjando novas relações étnico-raciais na sociedade que valorize a historiografia da

literatura negra bem como a presença de professores. Nessa linha, vale referir as contribuições de Rodrigues (2021) ao tensionar olhares para formas de representar grupos em diferentes contextos temporais e sociais apenas como vítimas de opressão, sem destacar suas lutas, resistências e conquistas.

Figura 1 - A crise de ansiedade de Carlton



Fonte: Episódio 3 - Comprometido - 2ª Temporada - *Bel-Air*

Amparado pelo colega e amigo Will, o jovem protagonista, em meio à crise de ansiedade, passa a expressar sintomas de seus conflitos. Com isso, vê-se angustiado e não consegue proferir o discurso de manifestação denunciando as injustiças para com a professora demitida. A reação de Carlton (Figura 2) ao posicionar-se e enfrentar seus dilemas internos desencadeou uma crise de ansiedade, tendo sido amparado pelo colega Will. Evidencia-se nesse momento uma dificuldade do jovem estudante em ter que romper com o ciclo de opressões, na busca por seus direitos. O ponto de reflexão aqui diz respeito à necessidade de compor currículos que dialoguem em seus percursos formativos e práticas pedagógicas, com as especificidades (de cor/ raça, de gênero, de orientação sexual, de classe, geracionais, entre outras), expectativas, necessidades e realidades tanto na esfera educacional quanto na esfera social, em especial dos jovens e adultos estudantes.

Figura 2 - Will encontra Carlton



Fonte: Episódio 3 - Comprometido - 2ª Temporada - *Bel-Air*

Na tentativa de confortar as angústias e ansiedades do amigo, Will toma a frente do protesto. Em contrapartida, o diretor da escola destacado na Figura 3 busca conter as manifestações e encaminhar os estudantes para dentro das salas de aula em movimentos para dispersar a manifestação e trazer além de tentar promover um tom de normalidade na rotina do espaço. Tal gesto e comportamento configuram tentativas de silenciamento e apagamento da representatividade de uma historiografia negra no processo de formação dos estudantes. Os conhecimentos sobre a história do racismo, escravidão, colonialismo e suas consequências contemporâneas devem ser revitalizadas tomando conotações de valorização das culturas, contribuições e histórias dos diferentes grupos étnico-raciais. Neste sentido, uma contribuição importante do pensamento de Hall (2016) para o estudo das identidades negras é desnaturalizar e historicizar o conceito de raça, entendendo-o como uma categoria produzida social e culturalmente, em momentos históricos específicos e de acordo com as lutas políticas encetadas pelos diferentes movimentos sociais.

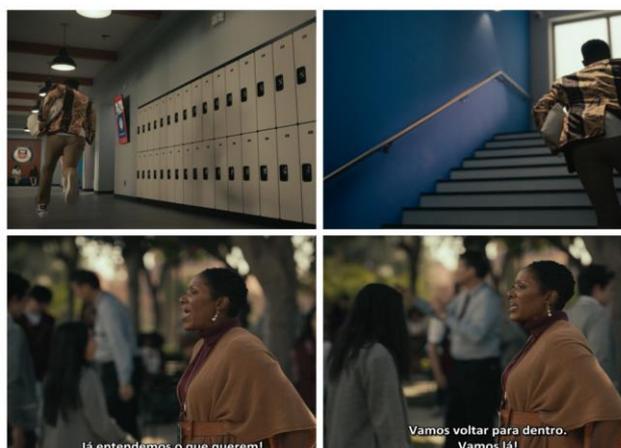
Figura 3 - A intervenção da direção da escola



Fonte: Episódio 3 - Comprometido - 2ª Temporada - *Bel-Air*

Inconformado com a tentativa de repressão, silenciamento e apagamento na condução das razões que levaram à demissão da professora, o estudante segue correndo pelos corredores (Figura 4) da parte interna da escola com o objetivo de chegar ao ponto mais alto do prédio. Enquanto isso, outra professora tenta conduzir os alunos para dentro da escola, buscando impedir um possível desdobramento do protesto. Cabe referir que a implementação de práticas e políticas que promovam a inclusão e a equidade racial em diferentes ambientes, como escolas, locais de trabalho e comunidades em certa medida perpassa pelo desenvolvimento e implementação de currículos e programas educacionais que abordem de forma explícita as questões raciais e promovam a justiça social.

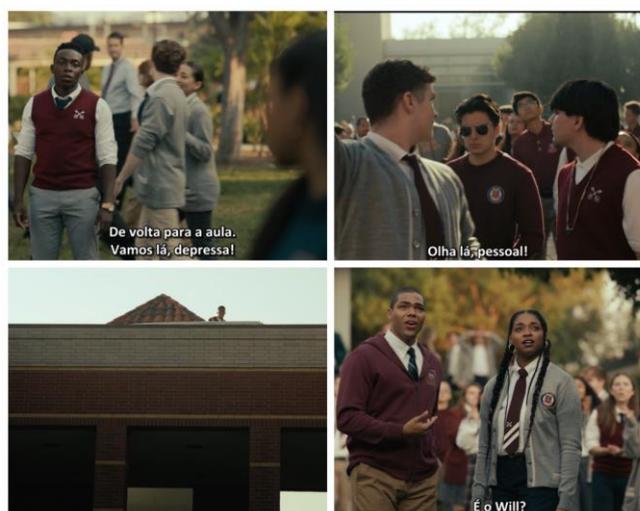
Figura 4 - Will sobe até o terraço do prédio



Fonte: Episódio 3 - Comprometido - 2ª Temporada - *Bel-Air*

Carlton já mais calmo, mas com uma expressão mais reflexiva, talvez frustrado, volta para perto dos alunos no pátio (Figura 5), onde olha para uma colega que decepcionou por ter fugido do protesto no momento em que os alunos mais precisavam dele. Enquanto isso, os alunos que estão no pátio começam a avistar Will no terraço, organizando o banner para que fique visível a todos.

Figura 5 - Will é avistado pelos alunos da escola



Fonte: Episódio 3 - Comprometido - 2ª Temporada - *Bel-Air*

Dando sequência ao episódio, enquanto os estudantes se alegram ao ver a atitude do estudante Will e o aplaudem, Carlton se desespera. O banner fixado, comunica de forma clara a mensagem que mobilizou o protesto: “Professores negros importam”. Neste ponto, o seriado faz uso e adaptação do movimento global “Vidas negras importam” (*Black Lives Matter*, em inglês). Este movimento tem por objetivo combater a violência e o racismo estrutural enfrentado pelas pessoas negras. De acordo com Rodrigues (2021, p. 35) tal movimento surgiu nos Estados Unidos, em 2013, após a absolvição de George Zimmerman, o homem que atirou em Trayvon Martin, um adolescente negro desarmado. O movimento ganhou força especialmente em 2020, com o assassinato de George Floyd, um homem negro morto por um policial em Minneapolis, reverberando protestos em diferentes países. Além disso, o movimento ainda busca conscientizar a sociedade sobre a desigualdade racial, combater o preconceito e a brutalidade policial contra pessoas negras e promover mudanças nas políticas públicas que garantam justiça e igualdade. Vidas Negras Importam tornou-se para além de um movimento social, um grito de

resistência que também busca apoiar causas ligadas à saúde, educação, habitação e oportunidades econômicas para as comunidades negras.

Figura 6- Will estende o banner e os alunos se empolgam



Fonte: Episódio 3 - Comprometido - 2ª Temporada - *Bel-Air*

Na imagem em destaque na Figura 6, é possível observar que o estudante assume a liderança do protesto e com o braço direito levantado, do alto do prédio da escola, erige o grito de resistência que passa a ser entoado também pelos demais estudantes que estão no pátio da escola: “Professores negros importam!”. O gesto do braço direito levantado em um protesto pode ser considerado como um símbolo poderoso de resistência, unidade e determinação. Esse gesto tem raízes históricas e é associado a movimentos de direitos civis e trabalhistas, como o movimento *Black Power* nos anos 1960 e 70, que usava o símbolo para expressar força coletiva e a luta contra o racismo e a opressão. O punho cerrado é proposital, um sinal de que a pessoa não se submete; simboliza a força coletiva e busca inspirar os outros a resistirem e persistirem em prol de mudanças significativas.

Figura 7 - O ápice do protesto



Fonte: Episódio 3 - Comprometido - 2ª Temporada - *Bel-Air*

Os estudantes que estavam no pátio acompanharam o líder no protesto com o grito de guerra, o braço direito levantado e o punho cerrado. Menos Carlton que fica em estado de alerta. Ashley, a estudante que recebia literatura negra emprestada da professora Hughes, não participa do protesto, porém acompanha pelo celular da sala de aula em que estava. É possível ver que Ashley não se contém e exulta no meio da aula: “Ele conseguiu!”. O professor percebe que ela estava no celular e chama sua atenção. Ashley não se importa e vai até a janela da sala de aula acompanhar o protesto, enquanto o professor continua chamando sua atenção. O episódio encerra com a imagem abaixo e a repetição constante do grito de guerra pelos alunos: “Professores negros importam!”.

6. Considerações finais

A série *Bel-Air* utiliza seu cenário escolar para explorar pedagogias antirracistas, trazendo à tona questões de poder, resistência e a busca por igualdade racial dentro do sistema educacional. A demissão da professora Hughes, que é motivada pela recomendação de leituras centradas em feminismo e identidade negra, e a subsequente mobilização dos estudantes são abordagens que ilustram as tensões entre um currículo formalizado que (in)viabiliza a promoção de práticas curriculares que privilegia saberes da branquitude e uma educação que busca inclusão e representatividade da negritude.

O protesto liderado pelos estudantes e os dilemas que ele enfrenta, como o conflito entre seu papel como aluno “modelo” e a pressão para se posicionar contra uma estrutura educacional excludente, destacam as nuances da experiência negra em ambientes de elite, muitas vezes dominados por valores que desestimulam a afirmação racial. A série captura o impacto das pedagogias antirracistas ao mostrar que o protesto não se limita a estudantes negros, mas sim se expande para incluir alunos brancos que também veem a injustiça na demissão da professora, evidenciando a busca por uma educação antirracista enquanto uma responsabilidade coletiva.

A imagem de Will erguendo o banner com o dizer: “Professores negros importam” denota a referência que o seriado faz ao movimento Vidas Negras Importam e se transforma em um símbolo de luta e resistência coletiva, unindo todos os alunos em uma só voz. Essa união na luta por justiça educacional revela como o ambiente escolar pode ser um espaço de resistência, onde alunos e professores se unem para desafiar e, eventualmente, tentar transformar as políticas e práticas que perpetuam a exclusão racial.

Cabe referir ainda que o racismo epistemológico representado no seriado *Bel-Air*, também se apresenta na tentativa de silenciar as vozes que desafiam a narrativa dominante. A insistência da escola em seguir estritamente o currículo aprovado — que exclui autores negros — exemplifica a perpetuação de um conhecimento hegemônico que nega a validade de outras formas de saber. Essa exclusão deliberada de autores que discutem o Black Power, a luta contra o racismo e a dignidade negra não é apenas uma escolha pedagógica, mas um ato de controle epistemológico, que busca preservar a ordem social estabelecida. A resposta dos alunos em solidariedade à professora demitida, é um ato de resistência contra esse silenciamento. Eles reconhecem que a defesa de Srta. Hugues é, na verdade, a defesa do direito de acessar e disseminar conhecimentos que desafiam o *status quo* institucional. O protesto planejado pelos estudantes é um exemplo da luta contra o epistemicídio, representando a demanda por um espaço educativo em que as vozes negras e críticas possam ser ouvidas e valorizadas.

Por fim, registra-se que as lições contidas no seriado *Bel-Air* podem ser sintetizadas em cinco práticas antirracistas, a saber: 1) o reconhecimento da branquitude, o que significa que o sujeito como branco entende que possui privilégios, por causa de sua cor; 2) a conscientização de que o racismo é um problema atual e não algo que ficou no passado, na história, para que assim o indivíduo não legitime e reproduza o racismo; 3) o entendimento que as identidades

raciais são aprendidas; 4) a apropriação de uma gramática e vocabulário racial; e, 5) a interpretação de códigos e de práticas racializadas.

Referências

- BALESTRIN, Patrícia Abel; SOARES, Rosângela. “Etnografia de tela”: uma aposta metodológica. In: MEYER, Dagmar; PARAÍSO, Marlucy (orgs.). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.
- Bel-Air*. Criação de Morgan Cooper, Will Smith, Andy Borowitz e Susan Borowitz. Estados Unidos: Peacock, 2022-2024.
- CANDAU, V., OLIVEIRA, L. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. In: *Educação em Revista*. Belo Horizonte, v. 26, n. 01, 2010. p.15-40.
- CHEN, K. H. “Not yet the post-colonial era”, *Cultural studies*, v. 10. n. I. Londres, 1996.
- COSTA, J. F. *Violência e psicanálise*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- COSTA, M. V.; SILVEIRA, R. H.; SOMMER, S. H. Estudos culturais, educação e pedagogia. *Revista Brasileira de Educação*, nº 23, 2003.
- Eu, a Patroa e as Crianças*. Série de televisão. Criado por Don Reo e Damon Wayans. ABC Studios, 2001-
- FANON, F. *Em defesa da revolução africana*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1969.
- FISCHER, R. M. B. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.28, n.1, p. 151-162, jan./jun. 2002.
- FISKE, J. *Understanding popular culture*. London: Routledge, 1989.
- GEMZØE, L. S. System and culture in format adaptation. *Series: Inter-national Journal of TV Serial Narratives*, 6 (1), 2020, 107–119. <https://doi.org/10.6092/issn.2421-454X/10460>.
- GIROUX, H. *Cruzando as fronteiras do discurso educacional: novas políticas em educação*. Tradução de: LOPES, Magda França. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- HALL, S. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: Apicuri/PUC-RIO, 2016.
- HALL, S. Introdução. In: *Representation: cultural representations and signifying practises*. London, Thousand Oaks; New Delhi: Sage/Open University, 1997.

HALL, S. The work of representation. In: *HALL, S. Representation: cultural representations and signifying practices. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/The Open University, 1997.* (Tradução Ricardo Uebel).

HILDENBRAND, J. G.; FARIAS, F. R. *Remakes* cinematográficos: a violência em uma cultura da cópia no século XXI. *Revista Psicanálise e Barroco*. 2015. Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq; Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.

KELLNER, D. *A Cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru: EDUSC, 2001.

MARCELLO, F. de A.; FISCHER, R. B. Tópicos para pensar a pesquisa em cinema e educação. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 36, n. 2, 2011.

MCGUIGAN, J. *Cultural Populism*. Londres: Routledge, 1997.

MUNANGA, K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. *Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira*. Niterói: EDUFF, 2004. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf>>. Acesso em: 03 de out de 2024.

PARAÍSO, M. A. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. (orgs.). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 15-30.

ROCHA, R. M. de C. *Pedagogia da diferença: a tradição oral africana como subsídio para a prática pedagógica brasileira*. Belo Horizonte: Nandyala, 2009.

RODRIGUES, V. Vidas negras importam: o que dizemos nós, mulheres negras ativistas, intelectuais e artistas. *Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia*, Pelotas, RS: Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pelotas, v. 9, n. 1, p. xx-xx, jan./jun. 2021.

SABALLA, V. (Org.). *Procedimentos didático-pedagógicos aplicáveis*. História e cultura afro-brasileira. Porto Alegre: EDUFRGS, 2012.

SILVA, T. T. da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SILVA, T. T. da. *Identidade e diferença – a perspectiva dos Estudos Culturais*. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SILVA, T. T. da. *O que é, afinal, estudos culturais?* Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

STEINBERG, S. R. Kindercultura: a construção da infância pelas grandes corporações. In: SILVA, Luiz Heron da; AZEVEDO, José Clóvis de; SANTOS, Edmilson Santos dos (Orgs.). *Identidade Social e a Construção do Conhecimento*. Porto Alegre: SMED, p. 98-145, 1997.

Todo mundo odeia o Chris (Everybody hates Chris). Criação de Chris Rock e Ali Leroi. Estados Unidos: CBS, 2005-2009.

Um Maluco No pedaço (The Fresh Prince off Bel-Air). Criação de Andy Borowitz e Susan Borowitz. Estados Unidos: NBC, 1990-1996.

WORTMANN, M. L. C. O uso do termo representação na Educação em Ciências e nos Estudos Culturais. *Pro-Posições*. vol. 12, N. 1 (34) - março/2001.